O "PARQUE ESPINILHO" NA LITERATURA DE BALDUÍNO RAMBO[1]

JOSÉ NEWTON CARDOSO MARCHIORI[2] FABIANO DA SILVA ALVES[3]

RESUMO

São comparados os textos de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul" com os relatos das duas viagens de Balduíno Rambo ao sudoeste do mesmo estado, com o objetivo de elucidar equívocos cometidos pelo grande botânico em sua obra-prima. Comprova-se que o autor confunde os nomes comuns de *Prosopis affinis* e *Vachellia caven*, bem como atribui à singularidade vegetacional de Barra do Quaraí o nome equivocado de "Parque Espinilho".

Palavras-chave: Balduíno Rambo, *Espinal*, Fitogeografia, Parque Espinilho, Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

[The "Parque Espinilho" in the literature of Balduino Rambo].

The texts of "The Physiognomy of Rio Grande do Sul" and reports of two journeys of Balduino Rambo to southwest region of the same Brazilian state are compared with the purpose of elucidating mistakes made by the great botanist in his masterpiece. It is proved that the author confused the common names of *Prosopis affinis* and *Vachellia caven* and attributed to the singular vegetation found by him in Barra do Quarai municipality the misnomer of "Parque Espinilho".

Key words: Balduíno Rambo, *Espinal*, "Parque Espinilho", Phytogeography, Rio Grande do Sul State.

INTRODUÇÃO

Não restam dúvidas acerca da origem do termo "Parque Espinilho", que dá nome à unidade de conservação[4] criada pelo governo do estado do Rio Grande do Sul no município de Barra do Quaraí: cunhado por Balduíno Rambo, o nome foi utilizado pela primeira vez em "A Fisionomia do Rio Grande do Sul – Ensaio de Monografia Natural", obra que granjeou merecida fama ao botânico gaúcho e cuja primeira edição data de 1942[5]. É bem verdade que o autor já havia publicado um opúsculo sobre o mesmo tema três anos antes[6] – e quase com o mesmo título[7] –, mas a referida vegetação não é sequer mencionada nesta obra.

As raízes dessa vertente literária remontam aos sobrevoos que o Serviço Geográfico do Exército proporcionara ao autor a partir de 1938, os quais, além de uma visão ou enfoque abrangente – aspecto marcante em sua bibliografia –, justificam o rico e até então inédito acervo de fotos aéreas que ilustram as duas obras citadas. Na opinião de Arthur Blasio Rambo, irmão do cientista, foi esta apreensão de conjunto, incluindo "a história geológica, a geografia, o clima, a fauna, a flora e, em meio a tudo isso, o homem, com suas obras, humanizando para melhor ou para pior a paisagem", que singulariza Balduíno Rambo como pesquisador, especialista em Botânica Sistemática.[8]

[1] Recebido em 24-12-2012 e aceito para publicação em 30-1-2013.

[2] Engenheiro Florestal, Dr. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq – Brasil). Professor Titular do Departamento de Ciências Florestais, Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

[3] Biólogo, Dr. Professor do Curso de Ciências Biológicas, Universidade da Região da Campanha (Alegrete – RS).

[4] Com área original de 276 ha, o "Parque Estadual do Espinilho" foi criado pelo Decreto nº 23.798 do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em 12/3/1975; em 28/2/2002, a sua área foi ampliada para 1.617,14 ha, pelo Decreto Estadual nº 41.440.

[5] RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Ensaio de Monografia Natural. Porto Alegre: Of. Graf. da Imprensa Oficial, 1942. 456 p.

[6] A capa desta edição indica que seu autor, o "P. B. Rambo S. J.", era "Lente de História Natural do Colégio Anchieta". Balduíno Rambo ingressou como professor na Universidade do Rio Grande do Sul (a atual UFRGS) somente em 1942, como catedrático fundador de Etnografia e Etnologia.

[7] RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande*. Viagens de Estudo. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1938. 54 p.

De todo modo, é provável que o extremo sudoeste do Rio Grande do Sul não foi por ele visitado naquelas viagens aéreas, posto que nenhuma das doze fotos incluídas na primeira destas obras[9] retrata a região[10]. A leitura do texto, por sua vez, também leva à mesma conclusão, pela ausência de referências consistentes sobre o espaço geográfico em foco[11].

Deve ter sido a consciência desta lacuna, justamente, que levou Balduino Rambo a empreender entre os dias 9 e 18 de janeiro de 1941 a sua primeira expedição científica à fronteira oeste do Rio Grande do Sul, movido pela necessidade de conhecer *in loco* esta importante e singular unidade fisiográfica, a fim de desembaraçar-se, com maior segurança, em sua obra-prima que viria a lume no ano seguinte.

Se não restam dúvidas sobre a origem do termo "Parque Espinilho", sobram indagações acerca de sua adequação à tipologia de vegetação em foco e, até mesmo, sobre a identidade botânica de suas principais espécies na obra de Balduino Rambo, lapsos que, por não terem sido reconhecidos em seu devido tempo, lograram vingar na literatura sul-rio-grandense, ganhando foro oficial com a criação do "Parque Estadual do Espinilho" anteriormente comentado.

Mesmo não sendo inédito, posto que abordado anteriormente por Marchiori & Alves (2010), o exame destas questões ganhou novo alento com a recente publicação do "Diário" de Balduíno Rambo relativo a duas expedições científicas por ele empreendidas ao sudoeste do Rio Grande do Sul. Em textos desta natureza, escritos ao calor do momento e com o singelo objetivo de registrar observações e vivências, o autor costuma revelar-se por inteiro, suscitando novos olhares a questões subjacentes à obra literária, de modo a permitir, não raras vezes, o esclarecimento de temas pendentes, pouco conhecidos ou objeto de distintas interpretações. O confronto textual destes fragmentos do "Diário" com referências constantes em sua obra-prima constitui o foco de interesse do presente artigo, que visa a esclarecer alguns equívocos saídos da pena deste fecundo botânico.

O PARQUE ESPINILHO EM "A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL"

O primeiro registro da expressão "parque espinilho" se encontra no capítulo sobre a "Vegetação da Campanha", na edição de 1942 de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul". À página 104, Balduíno Rambo define esta singularidade vegetacional:

> "Deixamos por último uma formação silvática campestre absolutamente limitada, no Brasil, ao ângulo sudoeste do Rio Grande do Sul, a do **parque espinilho**[12]. São principalmente duas espécies de leguminosas mimosoídeas,

[8] RAMBO, A.B. Viagem de Balduino Rambo ao sudoeste do Rio Grande do Sul no ano de 1941. *Balduinia*, Santa Maria, n. 36, p. 13, 2012a.

[9] Em "A Fisionomia do Rio Grande – Viagens de Estudo", Balduino Rambo incluiu doze fotos aéreas: Salto do Jacuí; Torres, rochas de basalto; Fendilhamentos da capa eruptiva, bacia do rio Pardo; Fendas na borda do planalto, ao norte de Torres; Matos de galeria, Jacuí superior; Salto do Mucunan, no Uruguai; Mata virgem no extremo noroeste; Aparados, monte isolado; A destruição da mata virgem, Rolante; A Serra, ao norte de Osório; Olhos de água na faixa litorânea; e Aparados, serra do Oratório. Algumas destas fotos aéreas, juntamente com outras não constantes na obra de 1938, reaparecem na primeira edição de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", de 1942, juntamente com um rico acervo de fotos terrestres.

[10] Mesmo não tendo incluído nenhuma foto aérea do extremo sudoeste do Estado, nas referidas obras de 1938 e 1942, Rambo já havia realizado sobrevoos em pelo menos parte da região, uma vez que no "Diário" de 13 janeiro de 1941 ele anotou ter visto do trem e "ao longe (...) os morros de tabuleiro, que conheço dos sobrevoos" (RAMBO, A.B. 2012a. Op. cit., p. 22). Na segunda edição de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", vinda a lume em 1956, Rambo incluiu duas fotos aéreas da "Campanha do Sudoeste": "Morros areníticos de Cacequi", onde figuram os cerros "Seio de Moça" e "Loreto", ambos no município de São Vicente do Sul, em verdade; e "Morro arenítico na Estação Tigre", no município de Alegrete. Tratam-se, precisamente, vale salientar, dos morros referidos no início desta nota.

[11] Mesmo assim, Rambo incluiu um evidente exagero na "Conclusão" deste pequeno livro: "Vi todo o Rio Grande, todos os seus campos, todos os seus rios, tôdas as suas serras, a maior parte de suas cidades e povoações (...)" (RAMBO, B., 1938. Op. cit., p. 54).

[12] Em negrito, no texto original.

que determinam o aspecto curioso destes parques espinhosos e sêcos: o algarrobo (*Prosopis juliflora*) e o nhanduvaí (*Acacia farnesiana*)"[13].

Na seqüência, o autor se estende em comentários sobre as duas espécies citadas, demonstrando, com toda a clareza, sua identificação equivocada das mesmas. Ao descrever o "nhanduvaí", por exemplo, lê-se que:

> "O nhanduvaí é a mais espalhada. Completamente faltante nas outras partes do Estado, seus primeiros vestígios começam a se manifestar na linha que liga Bagé, Cruz Alta, barra do Ijuí, Rio Uruguai. É um arbusto lembrando o maricá[14], porém mais vigoroso, mais espinhoso e mais contorcido, com flores amarelas e vagens curtas, grossas, cor de púrpura escura, quase preta. Invadindo os campos, constitui, ainda nos trechos mais secos, pequenos parques muito prejudiciais às pastagens; às mais das vezes, porém, cresce em exemplares isolados, de mistura com o branquilho[15], a cina-cina (*Parkinsonia aculeata*), e a sombra de touro[16], todos eles arbustos espinhosos de parque". [17]

Como se vê, o próprio autor, em seus comentários, não deixa margem a dúvidas sobre a identificação da espécie: para Balduíno Rambo, o nome comum "nhanduvaí" se aplica a *Vachellia caven* (Molina) Seigler & Ebinger, o popular "espinilho", espécie que figura na literatura botânica mais antiga como *Acacia caven* (Molina) Molina. Flores amarelas e frutos com a forma descrita são, precisamente, os caracteres mais notáveis desta árvore chaquenha, os quais, juntamente com folhas multijugas e detalhes da estrutura floral, remetem a espécie ao gênero *Vachellia*, em vez de *Prosopis*. Além disso, como bem afirmado no fragmento transcrito, *Vachellia caven* também se notabiliza pela ampla distribuição geográfica nas áreas campestres do Rio Grande do Sul, uma vez que se encontra naturalmente nas regiões fisiográficas da Campanha do Sudoeste, Planalto Médio, Depressão Central e Serra do Sudeste.

A gravidade do equívoco cometido por Rambo reside, sobretudo, na atribuição do nome comum "nhanduvaí" a uma espécie do gênero *Acacia* (atual *Vachellia*), posto constar este termo para *Prosopis affinis* (inhanduvá, inhanduvaí, nhanduvaí, nhanduvá e nanduvá, entre outras grafias), exclusivamente, tanto na literatura especializada como no linguajar regional. O binômio *Acacia farnesiana*, atribuído pelo autor, embora correspondente a uma espécie afim e de ocorrência mais escassa na vizinha Argentina[18], constitui engano perfeitamente compreensível para a época.

Ao descrever o "algarrobo", Balduíno Rambo também não deixa dúvidas sobre a entidade botânica a que se refere. Trata-se, indubitavelmente, do inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.), como se pode concluir de suas próprias palavras:

> "O algarrobo, pelo contrário, se encontra limitado ao vértice do ângulo extremo do sudoeste, onde pode ser estudado nos arredores de Barra do Quaraí, especialmente nas cercanias do Arroio Quaraí[19]. De cerca de três metros de altura máxima, é uma verdadeira árvore de tronco bem definido e copa plana e horizontal. Quando velho, o tronco se cobre duma camada grossa e fendilhada de cortiça. Os ramos são curtos e reforçados, de direção horizontal, contorcidos, entrelaçados, cobertos de espinhos colossais até 5cms de comprimento, direitos, agudos, cinzentos ou bran-

[13] Na edição de 1956, o mesmo fragmento se encontra à página 130, com pequenas alterações.

[14] *Mimosa bimucronata* (DC.) Kuntze (Fabaceae).

[15] *Sebastiania commersoniana* (Baill.) L.B. Sm. & Downs (Euphorbiaceae).

[16] *Acanthosyris spinescens* (Mart. & Eichler) Griseb. (Santalaceae).

[17] RAMBO, B., 1942. Op. cit., p. 104. Na edição de 1956, o mesmo fragmento aparece à página 130.

[18] Na Argentina, a distribuição de *Acacia farnesiana* "se extende pelas províncias do norte e centro" (CIALDELLA, 1984).

[19] Arroio Quaraí-Chico, em verdade.

cos. A folhagem é nitidamente mimosácea, de folíolos muito pequenos, matizados de pardo. – O caráter geral lembra, à primeira vista, algum pinheiro anão atormentado pelas intempéries do frio polar; mas o estudo mais detalhado descobre uma analogia real às acácias umbelares das estepes africanas, do tipo do "flamboyant".[20]

Tanto o aspecto fisionômico como os principais caracteres morfológicos de *Prosopis affinis* – o popular inhanduvá – são descritos com perfeição no fragmento acima reproduzido. O problema reside, mais uma vez, na atribuição equivocada do nome comum: embora nativo em Barra do Quaraí, o verdadeiro "algarrobo" (*Prosopis nigra*) não foi, com toda a certeza, examinado pelo autor em sua rápida passagem pela região. O esclarecimento deste ponto, todavia, convém ser abordado mais adiante.

A distribuição geográfica limitada "ao vértice do ângulo extremo do sudoeste", atribuída pelo autor à espécie em foco, também pode ser relevada, uma vez que referências no mesmo tom não são raras, mesmo em literatura recente. Galvani (2003), por exemplo, nas conclusões de sua tese de doutorado sobre "Vegetação e aspectos ecológicos do Parque Estadual do Espinilho", chega a afirmar que a referida unidade de conservação é "o único ambiente de ocorrência de *Prosopis affinis* (...) no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil".[21] Em favor de Balduíno Rambo, neste ponto, pode-se acrescentar que o autor avistou o Jarau apenas de longe[22] em sua expedição de 1941 ao sudoeste do Estado, de modo que não ele pode conhecer *in loco*, naquela oportunidade, o parque de inhanduvás descrito por Alves & Marchiori (2010).

Sabe-se, atualmente, que subsistem remanescentes de outros quatro parques naturais de inhanduvá, pelo menos, tanto no interior do Planalto da Campanha como na província geomorfológica da Depressão Periférica: nos arredores do Loreto, município de São Vicente do Sul (Marchiori et al., 2010); na várzea do rio Santa Maria, município de Rosário do Sul (Alves & Marchiori, 2011a); na várzea do rio Ibicuí, município de Cacequi (Marchiori & Alves, 2011a); e na planície de inundação do arroio Itapororó, município de Alegrete (Alves & Marchiori, 2011b).

No Rio Grande do Sul, o inhanduvá está vinculado a terrenos aluviais, ocorrendo, sobretudo, no "Pontal do Quaraí" e em estreita faixa paralela ao rio Uruguai, no trecho compreendido entre a foz dos rios Quaraí e Ibicuí. Pelas várzeas deste rio, todavia, a espécie logrou alcançar a Depressão Periférica, chegando quase ao centro do Rio Grande do Sul (Marchiori & Alves, 2011b).

Na segunda edição de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul – Ensaio de Monografia Natural", a única revista pelo autor[23], Balduíno Rambo corrigiu apenas aspectos de menor importância. Cabe lembrar, neste caso, que a referida edição é posterior a sua segunda viagem ao sudoeste do Estado, realizada no verão de 1944/1945 ao município de Quaraí. Embora tenha conhecido nesta oportunidade o "parque de inhanduvá do Jarau" e dele coletado material fértil, a distribuição de *Prosopis affinis* segue restrita ao "vértice do ângulo extremo do sudoeste"[24] no texto de 1956, tal como na edição de 1942. Desta vez, entretanto, o nome científico do "algarrobo" foi corrigido para *Prosopis*

[20] RAMBO, B., 1942. Op. cit., p. 104-105. Na edição de 1956, a segunda e última revisada pelo autor, o mesmo fragmento se encontra às páginas 130 e 131.

[21] GALVANI, F.R. *Vegetação e aspectos ecológicos do Parque Estadual do Espinilho, Barra do Quaraí, RS.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003, p. 87. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Botânica).

[22] "Infelizmente não passamos perto do Jarau. (...). De longe contornamos o Jarau. Pelo que posso perceber, uma mata apreciável cobre a serra" (RAMBO, A.B., 2012a. p. 24).

[23] RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul.* Ensaio de Monografia Natural. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1956. 456 p.

[24] RAMBO, B., 1956. Op. cit., p. 130.

algarobilla, binômio atualmente reduzido à sinonímia de *Prosopis affinis*. De mais graves efeitos, cabe salientar, é a manutenção do nome comum "nhanduvaí" para *Acacia farnesiana*.

No capítulo sobre as "Paisagens da Campanha", em ambas as edições (1942 e 1956), Balduíno Rambo torna a referir-se ao "parque espinilho" ao descrever a vegetação observada junto ao rio Quaraí-Mirim, no município de Quaraí:

> "Na descida para o Quaraí-mirim, o meláfiro chega a formar verdadeiras abas na orla das coxilhas, com miríades de ágatas e pequenas drusas de quartzo, entre as quais rasteja a flora mais pobre que se possa imaginar. Nos campos das encostas, aparece pela primeira vez em escala apreciável o parque espinilho. Constituído, na essência, pelo nhanduvaí, não lhe faltam o branquilho[25], a sombra de touro[26] e a cina-cina[27]. Debalde a mente procura localizar estes matos abertos eriçados de espinhos dentro dos quadros vegetativos do Estado: são as últimas ondas do pampa argentino jogadas na Campanha riograndense"[28].

Na segunda frase, Balduíno Rambo informa que o "parque espinilho" foi por ele observado, "pela primeira vez", "na descida para o Quaraí-mirim". Trata-se de realidade cronológica vivenciada pelo autor: de acordo com o "Diário", a primeira vegetação com esta fisionomia, examinada em janeiro de 1941, foi o parque de *Vachellia caven* (o verdadeiro espinilho) e outras arvoretas espinhosas, existente na orla da mata ciliar do Quaraí-Mirim, em sua viagem de Quaraí a Uruguaiana, rumo a Barra do Quaraí. Resta acrescentar que essa tipologia, dita "Espinillal" na literatura argentina e uruguaia, é muito freqüente em todo o Planalto da Campanha sul-rio-grandense e que Balduíno Rambo designa a referida espécie, invariavelmente, pelo nome equivocado de "nhanduvaí".

A leitura desatenta deste último fragmento pode levar à falsa idéia de que se encontram verdadeiros inhanduvás (*Prosopis affinis*) na orla do Quaraí-Mirim. Ao contrário: no município de Quaraí, a espécie é assinalada, tão somente, para uma área sedimentar com aproximadamente 5,5 km de diâmetro, ao sul do Cerro do Jarau (Alves & Marchiori, 2010), local não visitado pelo autor em sua primeira viagem. Nas margens do Quaraí-Mirim, não custa frisar, não existem quaisquer referências ou indícios de sua ocorrência natural.

O próprio Rambo, aliás, apesar da confusão que estabelece com os nomes populares das árvores chaquenhas, não incluiu, verdadeiramente, *Prosopis affinis* na vegetação descrita para o Quaraí-Mirim. De acordo com suas próprias palavras, neste parque, "constituído, na essência, pelo nhanduvaí, não lhe faltam o branquilho, a sombra de touro e a cina-cina". Para perfeito entendimento, basta lembrar que *Prosopis affinis*, para o autor, é binômio latino correspondente a "algarrobo" e que "nhanduvaí", embora equivocadamente, é nome comum de *Vachellia caven*, o popular espinilho.

De maior importância, ainda no mesmo fragmento, é o fato de que o criador da expressão "parque espinilho" não a reservou, exclusivamente, para a vegetação por ele observada em Barra do Quaraí e que se distingue pela associação de *Prosopis affinis* e *Vachellia caven*, entre outras arvoretas espinhosas. Para Balduíno Rambo, a mesma designação de "parque espinilho" também se aplica às associações baseadas em indivíduos de *Vachellia caven*, sem a participação de *Prosopis affinis*, tipologia examinada pelo autor na "descida para o Quaraí-Mirim", mas com ampla dispersão nas áreas campestres do Rio Grande do Sul.

Não custa destacar, por fim, o acerto das palavras escolhidas pelo autor ao definir estes verdadeiros parques de espinilho como "as úl-

---

[25] *Sebastiania commersoniana* (Baill.) L.B. Sm. & Downs (Euphorbiaceae).

[26] *Acanthosyris spinescens* (Mart. & Eichler) Griseb. (Santalaceae).

[27] *Parkinsonia aculeata* L. (Fabaceae).

[28] RAMBO, B., 1942. Op. cit., p. 115. Na edição de 1956, o mesmo texto aparece à página 144.

timas ondas do pampa argentino, jogadas na Campanha riograndense": trata-se de frase verdadeiramente lapidar, reveladora de um notável escritor.

SUBSÍDIOS DO DIÁRIO DE 1941

Inédito até poucos meses[29], o "Diário" da viagem de Balduíno Rambo ao sudoeste do Rio Grande do Sul em janeiro de 1941 fornece importantes subsídios ao esclarecimento de questões pendentes em sua obra-prima.

Comprova-se, por exemplo, que o texto foi por ele consultado na redação de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", como demonstra a transcrição quase fiel de sua passagem pelo Quaraí-Mirim, na viagem de táxi entre as cidades de Quaraí e Uruguaiana:

> "Na descida para o Quaraí avisto pela primeira vez o estranho mato de Prosopis. No meio dele crescem a Parkinsonia e Schinus descendens. Paramos três quartos de hora na margem do Quaraí-Mirim. O motorista mostra-se muito disposto. Colho um bom número de plantas na margem do rio, no campo. Depois continuamos a viagem"[30].

Na abertura do parágrafo, as primeiras palavras são exatamente as mesmas utilizadas no trecho correspondente de sua obra-prima e aqui reproduzidas ao final do capítulo anterior[31].

No texto do "Diário", chama especial atenção a referência a um "estranho mato de Prosopis", posto que na obra impressa o autor substitui o termo genérico "Prosopis" por "nhanduvaí", nome comum atribuído equivocadamente, por ele, a *Acacia farnesiana* (*Vachellia caven*, em verdade). De todo modo, pode-se concluir que ao revisar as suas anotações, Rambo deve ter-se dado conta de que a arvoreta do Quaraí-Mirim era distinta do "algarrobo", por ele encontrado apenas em Barra do Quaraí, em sua primeira expedição ao sudoeste do Estado. Esta hipótese ganha reforço com a leitura de todo o texto relativo à viagem, uma vez que a presença de "Prosopis" fora anteriormente assinalada no percurso entre as estações ferroviárias de Herval e Basílio[32], em plena província geomorfológica da Serra do Sudeste, bem como nas proximidades de Bagé[33] e de Alegrete[34], tornando-se a mesma predominante entre esta última cidade e Quaraí[35]. Confirma-se, desse modo, a confusão estabelecida por Rambo com o nome comum das espécies chaquenhas: "nhanduvaí", para ele, é nome comum de *Vachellia caven* e "algarrobo" de *Prosopis affinis*.

Muito significativa, nas obras mais conhecidas de Rambo, é a não atribuição do nome comum "espinilho" a uma espécie de árvore[36]. Como dito anteriormente, este termo foi por ele geralmente empregado para designar um tipo impreciso[37] de vegetação: o "parque espinilho".

---

[29] Publicado no número 36 da revista *Balduinia*, em junho de 2012, a "Viagem de Balduino Rambo ao sudoeste do Rio Grande do Sul no ano de 1941" inclui uma introdução de Arthur Blasio Rambo, irmão do autor, e abundantes notas de rodapé, organizadas por Arthur Blasio Rambo, José Newton Cardoso Marchiori e Leonardo Paz Deble.

[30] RAMBO, A.B., 2012a. Op. cit., p. 24.

[31] No texto do "Diário", Rambo escreveu: "Na descida para o Quaraí (...)"; em "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", lê-se: "Na descida para o Quaraí Mirim (...)".

[32] "Essa terra é um jardim de Deus, com *Schinus molle*, Opuntias freqüentes, *Eryngium eburneum* em grande quantidade, tudo tomado por Baccharis, com freqüência crista de galo, palmeiras, butiás, Prosopis, Miconia, Salvia". (RAMBO, A.B., 2012a. Op. cit., p. 17-18).

[33] "Também a Prosopis começa a marcar presença". (RAMBO, A.B., 2012a. Op. cit., p. 19).

[34] "Antes de Alegrete começam a predominar as rochas eruptivas. Os blocos cinzentos espalhados pelo campo são todos oriundos de lava. Aqui abunda o Prosopis". (RAMBO, A.B., 2012a. Op. cit., p. 23).

[35] "Depois de Alegrete predomina o Prosopis, (...) e Parkinsonia no campo. Na média, o terreno é vulcânico". (RAMBO, A.B., 2012a. Op. cit., p. 23).

[36] Como se verá mais adiante, em estudo etnográfico sobre a viagem ao município de Quaraí, vindo a lume em 1946, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Balduíno Rambo atribui, pela primeira vez, o nome de espinilho a uma espécie de Acácia (*Acacia farnesiana*, em verdade).

[37] O termo "impreciso" se justifica pelo fato de que Rambo chamou de "parque espinilho" tanto o Parque de

No tocante ao fragmento acima transcrito, resta acrescentar que o autor anotou outras duas espécies para o "parque espinilho" do Quaraí-Mirim: a "Parkinsonia", nome genérico da cinacina (*Parkinsonia aculeata* L.), e "Schinus descendens", Anacardiácea[38] não citada na passagem correspondente de seu livro.

O trecho Uruguaiana – Barra do Quaraí – Uruguaiana foi percorrido em um único dia, em viagem de trem que durou cerca de doze horas, incluindo o intervalo de coletas, feitas nos arredores da estação ferroviária[39]. No Diário, Rambo anotou que os "algarrobos" estavam em flor[40] e que a espécie lhe agradou "de modo especial", por suas "belas copas em forma de guarda-chuva", subindo a "mais de sete metros de altura"[41].

Devido ao pouco tempo disponível em Barra do Quaraí, entre a chegada do trem e seu retorno a Uruguaiana, bem como pelo calor excessivo nas primeiras horas da tarde[42], a coleta "nos matos de Prosopis" mostrou-se pouco rendosa para o viajante[43].

Cabe salientar que em Barra do Quaraí Rambo conheceu apenas o *Ñandubaysal*[44], vegetação composta, basicamente, por indivíduos de inhanduvá (*Prosopis affinis*) e espinilho (*Vachellia caven*). O *Algarrobal*[45], tipologia encontrada em sítios mais distantes da estrada-de-ferro, próximos à foz do arroio Quaraí Chico e marcados por elevada salinidade na superfície do solo, não foi sequer avistado, motivo pelo qual o verdadeiro algarrobo (*Prosopis nigra*) e o quebracho-branco (*Aspidosperma quebrachoblanco*) não foram conhecidos (nem coletados) pelo viajante.

A não inclusão de *Tillandsia duratii* no rol das espécies nativas, em sua obra póstuma sobre Bromeliáceas do Rio Grande do Sul[46], demonstra que Rambo também não chegou a conhecer esta curiosa epífita, sabidamente associada a *Prosopis affinis* na região. No rol de espécies não coletadas em Barra do Quaraí, chama atenção o espinilho (*Vachellia caven*), impropriamente chamado de "nhanduvaí" pelo viajante. De *Prosopis affinis*, consta um único exemplar no Herbário PACA, herborizado nesta oportunidade[47].

Ao sair de Uruguaiana, no retorno a Porto Alegre, Balduíno Rambo ainda anotou em seu Diário os traços mais salientes do Planalto da Campanha e sua vegetação:

Inhanduvás de Barra do Quaraí como o Parque de Espinilhos da margem do rio Quaraí-Mirim, ou seja, duas tipologias que são muito distintas entre si (*Ñandubaysal* e *Espinillal*, respectivamente), no tocante à composição florística.

[38] Binômio atualmente reduzido à sinonímia de *Schinus polygamus* (Cav.) Cabrera, o popular molho.

[39] As ruínas desta estação se encontram próximo à entrada da atual cidade de Barra do Quaraí.

[40] O viajante coletou um exemplar com flores em Barra do Quaraí no dia 15-01-1941: a exsicata nº 4215, conservada no Herbário PACA. Dados relativos a este material podem ser consultados em RAMBO (1966), obra póstuma sobre "Leguminosae Riograndenses".

[41] RAMBO, A.B., 2012a. Op. cit., p, 25.

[42] "Comprei uma lata de conserva com peixe e um ovo frito. Bebo um copo de água. Depois cruzo os trilhos. O sol queima e o vento sopra forte. (...) Como não tinha certeza que o trem demoraria no local, decidi-me entrar no campo pelo lado. Acomodo-me numa sombra e experimento a conserva. É ruim e salgada. Jogo a lata longe e como bolachas. (...) Volto pelas três horas. O sol queima sobre os trilhos" (RAMBO, A.B., 2012a, Op. cit., p. 26).

[43] RAMBO, A.B., 2012a. Op. cit. 26.

[44] Termo usual na literatura fitogeográfica do Uruguai e Argentina para a associação marcada por indivíduos de *Prosopis affinis* (inhanduvá) e *Vachellia caven* (espinilho).

[45] Termo usual na literatura fitogeográfica do Uruguai e Argentina para os parques com *Prosopis nigra* (algarrobo), *Aspidosperma quebrachoblanco* (quebracho), *Vachellia caven* (espinilho), *Prosopis affinis* (inhanduvá) e um singular contingente de plantas herbáceas e epífitas. No "Algarrobal" formam-se *blanqueales*, isto é, manchas com vegetação herbácea rarefeita, devido à alta concentração de sais na superfície do solo.

[46] RAMBO, B. Bromeliaceae Riograndenses. *Pesquisas*, São Leopoldo, Botânica, n. 25, p. 1-27, 1967.

[47] Nº 4215, RGS, Barra do Quaraí p. Uruguaiana, SW, *in silvula campestri*, 15.1./1941, fl.

"A região é plana. Em toda a parte cresce a pequena Prosopis. Não se avista mais a Algarroba. As pedras são de origem vulcânica".

De fato: *Vachellia caven*, impropriamente chamada de "Prosopis", pelo autor, mostra-se predominante em todo o Planalto da Campanha; a "Algarroba" (*Prosopis affinis*), ao contrário, desaparece por completo da paisagem, justamente por ser espécie associada a formações sedimentares.

SEGUNDA VIAGEM AO SUDOESTE DO ESTADO

No verão de 1944/1945, Balduíno Rambo empreendeu uma segunda expedição científica ao sudoeste do Rio Grande do Sul[48]. Desta vez, o botânico também se dedica à coleta de artefatos indígenas, em decorrência de sua recente nomeação como professor de Etnografia e Etnologia na Faculdade de Filosofia, da Universidade de Porto Alegre[49].

Toda a viagem, entretanto, foi muito distinta da anterior – e não apenas por sua limitação aos arredores do Jarau, no município de Quaraí –, como, também, por seu contexto, uma vez que foi realizada em companhia de escoteiros do Colégio Anchieta[50], chefiados por um colega jesuíta. Outra diferença importante reside no fato de que o autor chegou a publicar um estudo etnográfico com dados colhidos nesta viagem, incluindo esclarecedor aporte à vegetação regional, a ser analisado ao final deste capítulo.

O acampamento foi instalado em fazenda pertencente ao pai de um aluno do Colégio[51], no interior da mata ciliar do Quaraí-Mirim, junto à foz do arroio Inhanduvá[52], conforme indicação do próprio "Diário":

> "Depois de uma viagem de uma hora chegamos ao Quaraí Mirim. A água está muito baixa. (...). A viagem continua pelo campo seco. Descemos até o rio. Paramos e passamos pelas moitas até o arroio que vem do Jarau. O lugar, porém, não nos agrada. Descemos até a beira do mato. Descemos até o ponto onde o arroio entra no Quaraí Mirim. Um magnífico lugar. Água em abundância. O rio forma uma bacia larga e funda. O arroio cai marulhando por uma pequena cascata com água potável. Descarregamos na beira do mato. O plano original foi levantar o acampamento no campo aberto. Depois de algumas considerações decidimos transferi-lo para dentro do mato, na margem do rio"[53].

Da transcrição acima, chama especial atenção o fato do autor não usar o nome próprio do curso de água. Em apenas dois momentos, ao longo de todo o texto relativo à viagem, é atribuído o termo "Nanduti", em vivo contraste com a simples designação de "arroio", citada repetidas vezes. O flagrante equívoco terminológico (Nanduti), todavia, deve ser debitado ao colega que realizou a transcrição do manuscrito em gótico "Süterlin" para letra corrente latina, após a morte do autor, uma vez que em publicação etnográfica sobre a mesma região[54], vinda a lume em 1946, o autor designa seus achados

[48] A viagem teve início em 26 de dezembro de 1944, com a saída de Porto Alegre, por via ferroviária, rumo a Quaraí; o retorno, a partir desta cidade, deu-se a 14 de janeiro de 1945.

[49] Precursora da atual UFRGS; é desta forma, aliás, que o autor intitulou um relatório científico sobre a sua expedição de 1944-1945 à região do Jarau, no município de Quaraí, Rio Grande do Sul (Rambo, 1946).

[50] Colégio tradicional de Porto Alegre, no qual Balduíno Rambo foi professor de História Natural.

[51] Aldo Pereira Giudice, engenheiro, político e estancieiro de Quaraí, pai do então aluno João Carlos Olímpio Giudice.

[52] O local exato pode ser encontrado no *Google Earth* pelas seguintes coordenadas: 30° 15' 28.07" S e 56° 32' 09.54" O.

[53] RAMBO, A.B. Diário da segunda viagem de Balduíno Rambo ao sudoeste do Rio Grande do Sul. *Balduinia*, Santa Maria, n. 38, p. 1-24, 2012b.

[54] RAMBO, B. Relatório científico das viagens de estudos etnográficos, empreendidas entre 26 de dezembro de 1944 e 14 de março de 1945, pelo P. Balduíno Rambo S.J., lente de Etnografia e Etnologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de Porto Alegre. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 102, p. 234-240, 1946.

como "estação lítica do Nhandubai", numa clara referência ao arroio. De todo modo, o lapso acima apontado é digno de registro, especialmente pelo fato do topônimo constar em obras muito antigas.

Já em 1925, por exemplo, o Major Souza Docca incluiu uma esclarecedora nota sobre o mesmo arroio, em artigo publicado na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul":

> "Nhanduvahy – c. nhandu-uva-y, o rio das fructas da avestruz. Sanga tributária do Quarahy Mirim, no 1° districto do mun. de Quarahy; nasce ao S. dos cerros de Jarau; seu curso é de 9 klms".[55]

Grafado com algumas variantes, o nome deste curso de água figura em diversos mapas da região, inclusive na carta topográfica "Sanga Nanduvá", da Diretoria de Serviço Geográfico do Ministério do Exército[56], que serviu de base para a Figura 1 (p. 13).

Digna de registro, ainda, é a ausência das palavras "inhanduvá", "algarrobo" e "Prosopis" em todo o texto relativo a esta segunda viagem. Não teria Balduíno Rambo associado o nome da árvore famosa ao arroio em questão?

Este ponto merece comentário, até mesmo porque no Herbário PACA se encontra uma exsicata de *Prosopis affinis*, por ele coletada nesta oportunidade[57].

O botânico investigou exaustivamente toda a região, desde a mata ciliar do arroio Garupá, ao norte dos cerros do Jarau, até a foz do Quaraí-Mirim no rio Quaraí, tendo, inclusive, coletado em território uruguaio adjacente. Para o dia 30 de dezembro de 1944, por exemplo, Rambo anotou:

> "Saio novamente logo depois do meio dia. Para começar, caminhei ao longo do arroio[58]. O sol queima como fogo. Já que perto do arroio havia pouca coisa, enveredei pelo campo seco e desolador, em direção ao Jarau. Não pretendi ir propriamente até o morro. Em toda a parte as ovelhas descansam na sombra das poucas árvores dispersas no campo. (...). Caminho até bem próximo ao morro. Poderia continuar até ele, mas não tem muito sentido, pois teria que retornar em seguida"[59].

De acordo com suas palavras, fica-se sabendo que o botânico atravessou neste dia toda a lente sedimentar situada ao sul do Jarau – e por duas vezes (ida e volta) –, motivo pelo qual é altamente improvável que não tenha conhecido o *Ñandubaysal* descrito por Alves & Marchiori (2010), composto por indivíduos de inhanduvá (*Prosopis affinis*) e espinilho (*Vachellia caven*). Apesar da escassa sombra fornecida, tais espécies são as únicas arvoretas destes campos arenosos, o que explica a busca das mesmas pelas ovelhas nas horas mais quentes do dia, conforme registro do autor.

Em todo o município de Quaraí, cabe salientar, é somente nessa área de 5,5 km de diâmetro, aproximadamente, que se encontram inhanduvás (*Prosopis affinis* Spreng.). Este dado fitogeográfico é confirmado em documento manuscrito de 1903, firmado pelo Coronel Francisco Flores da Cunha, então intendente de Quaraí, ao responder o quesito "Noticias sobre os minereos, flora e fauna locaes", solicitado pelo Dr. Rivadávia da Cunha Corrêa, deputado Federal pelo Rio Grande do Sul no período 1895-1910:

---

[55] DOCCA, M.S. Vocabulos indigenas na Geographia riograndense. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 5, n. 1-2, p. 52, 1925 (separata).

[56] Folha SH.21-Z-A-I-2-SE (MI-2976/2-SE), produzida pela Diretoria de Serviço Geográfico (DSG) do Ministério do Exército Brasileiro no ano de 1988, em escala 1:25.000.

[57] Em sua obra sobre "Leguminosae Riograndenses", o autor incluiu as seguintes referências a este material: n° 26354 RGS, Fazenda do Jarau p. Quaraí, SW, in campestribus, 1. 1945, fl., fr. semievoluto (RAMBO, B., 1966. Op. cit., p. 46).

[58] Arroio Inhanduvá, não custa repetir.

[59] RAMBO, A.B., 2012b. Op. cit., p. 8.

"A fauna é pobre e nenhuma especie della é digna de nota por não sahir do vulgar, bem como a flora, de que não se destaca nenhum especimen de valor. Existe algum inhanduvá entre costas do Quarahy e cerros de Jaráo em forte vertente que tira o nome da existência nella daquella madeira"[60].

Não restam dúvidas sobre a ocorrência natural de *Prosopis affinis* na referida lente sedimentar ao sul do Jarau. Trata-se, além disso, de uma disjunção notável, posto que separada do Pontal do Quaraí por cerca de 100 km em linha reta, fato explicado pelos solos rasos do Planalto da Campanha existente entre ambas as áreas, gerados a partir de rochas vulcânicas (basalto).

De acordo com a etiqueta da exsicata[61] conservada no Herbário PACA, o exemplar de *Prosopis affinis* deve ter sido coletado a três de janeiro de 1945, pois foi neste dia que Rambo, acompanhado por todo o grupo de escoteiros, refez o percurso anterior, alcançando o "pé do morro" do Jarau após "duas horas" de caminhada[62].

Em dois momentos, no Diário da segunda viagem, Balduíno Rambo faz menção aos parques de *Vachellia caven* e outras espécies chaquenhas, sem valer-se, todavia, do termo "parque espinilho", utilizado na descrição do *Espinillal*[63] do Quaraí-Mirim, em "A Fisionomia do Rio Grande do Sul".

Pelo texto de dois de janeiro, por exemplo, fica-se sabendo que o autor cruzou o arroio Inhanduvá após o meio dia e atravessou o "mato de espinhos", agregando que em "nenhuma excursão" havia reunido "tão pouco material".[64]

Nos apontamentos de 10 de janeiro, Rambo valeu-se de expressão semelhante ao relatar uma excursão ao rio Quaraí e rápida entrada em território uruguaio. No retorno, ao se perder na mata do Quaraí-Mirim, o autor comenta que saiu para o "mato de espinheiros", em busca da "direção do Jarau". Sucinto e preciso, como de costume, Rambo logrou resumir, nestas poucas palavras, um importante traço da fitogeografia regional e o respectivo efeito de ordem prática: as matas ciliares do Planalto da Campanha geralmente apresentam uma savana de espinilhos e outras arvoretas espinhosas na transição para o campo limpo; em conseqüência de sua estrutura aberta, tais vegetações, com estrutura de parque, permitem a visualização de pontos distantes.

Em ambos os casos, tanto no "mato de espinhos" como no "mato de espinheiros", o que se tem é, exatamente, a mesma vegetação: trata-se do *Espinillal* ou "Parque Espinilho", posto ser este o termo aplicado em "A Fisionomia do Rio Grande do Sul" à composição descrita por Rambo na orla da mata ciliar do Quaraí-Mirim. Não se pode confundir, todavia, estas vegetações com o *Ñandubaysal* ou Parque de Inhanduvás de Barra do Quaraí, impropriamente chamado, por Balduíno Rambo, pelo mesmo nome de "Parque Espinilho".

A respeito desta "segunda expedição científica" ao sudoeste do Estado, resta analisar, mais detidamente, o interessante "relatório" de cunho etnográfico anteriormente mencionado e que veio a lume em 1946, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Praticamente desconhecido por botânicos e naturalistas, devido à publicação em veículo estranho ao meio, este artigo sobre a "indústria lítica de Quaraí" traz importantes informações sobre a vegetação na região do Jarau.

Antes da análise deste fragmento da literatura ramboana, cumpre informar que o botâni-

[60] CUNHA, F.F. da. Apontamentos historicos e informações geraes sobre o município de Quarahy compilados em 1903 pelo intendente Cel. Francisco Flores da Cunha. In: CHEGUHEM, S.S. *Quaraí histórico*. Quaraí: [s.n.], 1991. v. 2. p. 34.

[61] Na etiqueta consta, como data, apenas 1.1945; o n. 1, neste caso, indica o mês de janeiro.

[62] RAMBO, A.B. 2012b. Op. cit., p. 12.

[63] Termo usual na literatura fitogeográfica do Uruguai e Argentina para os parques de espinilho (*Vachellia caven*). A associação de *Vachellia caven* com *Prosopis affinis* caracteriza o *Ñandubaysal*. Os parques dominados por *Prosopis nigra*, por sua vez, são ditos *Algarrobales*.

[64] RAMBO, A.B., 2012b. Op. cit., p. 11.

co ingressara como "membro efetivo" do referido Instituto em 31 de janeiro de 1945, oportunidade em que ministrou, aos confrades, uma conferência sobre "O caráter da flora riograndense", cheia de novidades para a fitogeografia regional[65].

Como bom naturalista, Balduíno Rambo inicia seu estudo etnográfico com uma abordagem abrangente, incluindo a situação geográfica, aspecto fisionômico, solo, vegetação e um esboço do "quadro geral". Embora sucinto, o embasamento botânico demonstra a reflexão do autor sobre o tema, em vivo contraste com as anotações constantes em seu Diário e, inclusive, com o próprio texto de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul" para a região:

> "A vegetação campestre é graminácea, relativamente pobre em espécies, mas bem desenvolvida; ao longo dos cursos de água e nas baixadas húmidas existem galerias de mato bem desenvolvido, contendo como elementos mais notáveis a coronda (*Gleditschia amorphoides* (Gris.) Taub.), a sombra de touro (*Acanthosyris spinescens* (Mart. et Eichl.) Gris.), a aroeira (*Lithraea molleoides* (Vell.) Engler), o aguaí (*Pouteria neriifolia* (Hook. et Arn.) Radlk.), e outras árvores de porte médio; o mato de parque, que irradia para o campo, consiste essencialmente de espinilho (*Acacia farnesiana* (L.) Willd.), nhandubai (*Prosopis juliflora* DC.), cina-cina (*Parkinsonia aculeata* L.), tala (*Celtis spinosa* Spreng.) e outros arbustos baixos, xerófilos, geralmente espinhosos".

No texto acima transcrito, vê-se que Balduíno Rambo dá ao espinilho – e pela primeira vez –, o binômio latino de *Acacia farnesiana* e chama *Prosopis juliflora* de "nhandubai". Em 1946, portanto, conclui-se que o autor não mais confundia as duas Leguminosas chaquenhas. Os lapsos com os epítetos específicos[66], desta vez, podem ser debitados ao difícil acesso à literatura botânica, aspecto muito saliente, na época.

É de lastimar-se, todavia, que o autor não tenha revisto adequadamente o texto da segunda edição de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", vinda a lume em 1956. Se o tivesse feito, as confusões anteriormente apontadas não teriam sobrevivido até a atualidade e, muito provavelmente, a leitura descuidada deste verdadeiro clássico da literatura sulina não teria fornecido o falso embasamento, implícito na designação do "Parque Estadual do Espinilho".

Muito esclarecedora, ainda, é a referência do autor a um "mato de parque" que se irradia para o campo, a partir da mata ciliar. Embora impreciso, o termo fitogeográfico se mostra adequado à realidade observada, sendo, inclusive, preferível ao vago "parque espinilho" de sua obra-prima, atribuído tanto ao *Espinillar* do Quaraí-Mirim (município de Quaraí), como ao *Ñandubaysal* do Quaraí Chico (município de Barra do Quaraí).

No mesmo trabalho etnográfico, por fim, o autor informa que das várias "sangas" que nascem no "Cerro do Jarau", a "mais importante" é a do "Nhandubai"[67], para cujas margens, sobretudo junto à sua foz no Quaraí-Mirim, Rambo descreveu a "estação lítica do Nhandubai", antigo "paradeiro dos Charruas"[68].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criado por Balduíno Rambo, o termo "Parque Espinilho" firmou-se na linguagem botânica e fitogeográfica do Rio Grande do Sul por dar nome a uma unidade de conservação no município de Barra do Quaraí: o "Parque Estadual do Espinilho". Não obstante, o termo se mostra inadequado para caracterizar a singularidade vegetacional que pretende definir, e por vários motivos.

---

[65] RAMBO, B. O caráter da flora riograndense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 97, p. 8-17, 1945.

[66] O espinilho, em verdade, corresponde a *Acacia caven* (atual *Vachellia caven*) e o inhanduvá a Prosopis *affinis*.

[67] RAMBO, B., 1946. Op. cit., p. 235.

[68] RAMBO, B., 1946. Op. cit., p. 240.

Em primeiro lugar, a leitura atenta de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", juntamente com os relatos das duas viagens de Rambo ao sudoeste do Estado, demonstram que o termo fitogeográfico padece de grave imprecisão, uma vez que o botânico gaúcho valeu-se do mesmo para designar tanto o parque de inhanduvás de Barra do Quaraí, composto, fundamentalmente, por *Prosopis affinis* e *Vachellia caven*, como o parque de espinilhos do Quaraí-Mirim, baseado em *Vachellia caven* (espinilho), mas desprovido de inhanduvás (*Prosopis affinis*).

Parques de espinilhos (ou com espinilhos), como o examinado por Rambo na orla da mata do rio Quaraí-Mirim, apresentam ampla distribuição nas áreas campestres do Estado, sobretudo nas regiões fisiográficas da Campanha, Planalto Médio, Depressão Central e Serra do Sudeste. Para estes verdadeiros *Espinillares*, portanto, não cabe a distribuição atribuída pelo autor a seu "Parque Espinilho", uma vez que a tipologia não está limitada, "no Brasil, ao ângulo sudoeste do rio Grande do Sul".[69]

Nem mesmo a vegetação descrita por Rambo em Barra do Quaraí apresenta a distribuição geográfica por ele considerada, posto que outros parques naturais com *Prosopis affinis* e *Vachellia caven* foram recentemente descritos, tanto no interior do Planalto da Campanha como em plena Depressão Periférica. Para esta tipologia, vale ressaltar, o termo "Parque Espinilho" se mostra inadequado, por ser o inhanduvá (*Prosopis affinis*) – e não o espinilho (*Vachellia caven*) –, a sua espécie característica.

Não custa lembrar que as distintas associações vegetais costumam ser designadas com base na espécie marcante. Desse modo, ao parque observado por Rambo em Barra do Quaraí caberia o nome de "parque de inhanduvá", posto não ser ele um verdadeiro "parque de espinilhos".

A origem do problema deriva da atribuição de nomes comuns equivocados para ambas as espécies: em "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", "nhanduvaí" corresponde a *Vachellia caven* e "algarrobo" a *Prosopis affinis*[70]. O mais intrigante, nesta confusão terminológica, é que Rambo não atribuiu o nome "espinilho" a uma árvore, em sua obra-prima[71], apesar da invariável correspondência do termo a *Vachellia caven* no linguajar regional.

Como dito anteriormente, o nome "espinilho" serviu para designar um tipo impreciso de vegetação, posto que aplicado, por ele, tanto ao parque de inhanduvás de Barra do Quaraí, que corresponde ao *Ñandubaysal* dos textos em espanhol, como ao verdadeiro parque de espinilhos, ou *Espinillal*, examinado pelo autor nas margens do Quaraí-Mirim, em sua viagem de Quaraí a Uruguaiana.

A hipótese de que o termo "parque espinilho" seria uma referência à *Província do Espinal*, aventada por Galvani (2003), não se sustenta, e

[69] RAMBO, B., 1942. Op. cit., p. 104.

[70] "Nhanduvaí" (ou inhanduvá), em verdade, é o nome comum de *Prosopis affinis* no Rio Grande do Sul; "Algarrobo", por sua vez, é nome regional para *Prosopis nigra*, espécie que não chegou a ser conhecida por Balduíno Rambo, embora nativa nos "blanqueales" do Parque Estadual do Espinilho, em Barra do Quaraí.

[71] Na primeira edição de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", vinda a lume em 1942, Balduíno Rambo dá o nome de "nhanduvaí" para uma acácia (*Acacia farnesiana*, no caso) e o mesmo acontece nos diários, tanto da primeira (janeiro de 1941) como da segunda viagem (verão de 1944/45) ao oeste do Rio Grande do Sul, anteriormente analisados. Somente em 1946, em seu texto sobre a "Indústria lítica de Quaraí", o autor corrigiu este engano, valendo-se, pela primeira vez de "espinilho" como nome popular de *Vachellia caven* (*Acacia farnesiana*, em verdade). O fato de Balduino Rambo não ter feito as necessárias correções de nomes comuns para reedição de 1956 de sua obra-prima, dificulta, sobremaneira, a concepção de seu "Parque Espinilho". Por outro lado, se ele tivesse realizado tais correções, o próprio termo "Parque Espinilho" é que estaria "em cheque" e, muito provavelmente, teria sido substituído, pois o grande cientista tinha consciência de que é um Prosopis (*Prosopis affinis*), e não uma Acácia (*Vachellia caven*, no caso), a espécie representativa e mais abundante na singularidade vegetacional de Barra do Quaraí, por ele examinada em janeiro de 1941. O espinilho (*Vachellia caven*) só se torna conspícuo na estrutura do "Ñandubaysal" pela intervenção humana, o que explica sua presença mais freqüente nas proximidades de estradas, bem como em áreas que sofreram exploração ou queimadas, por exemplo.

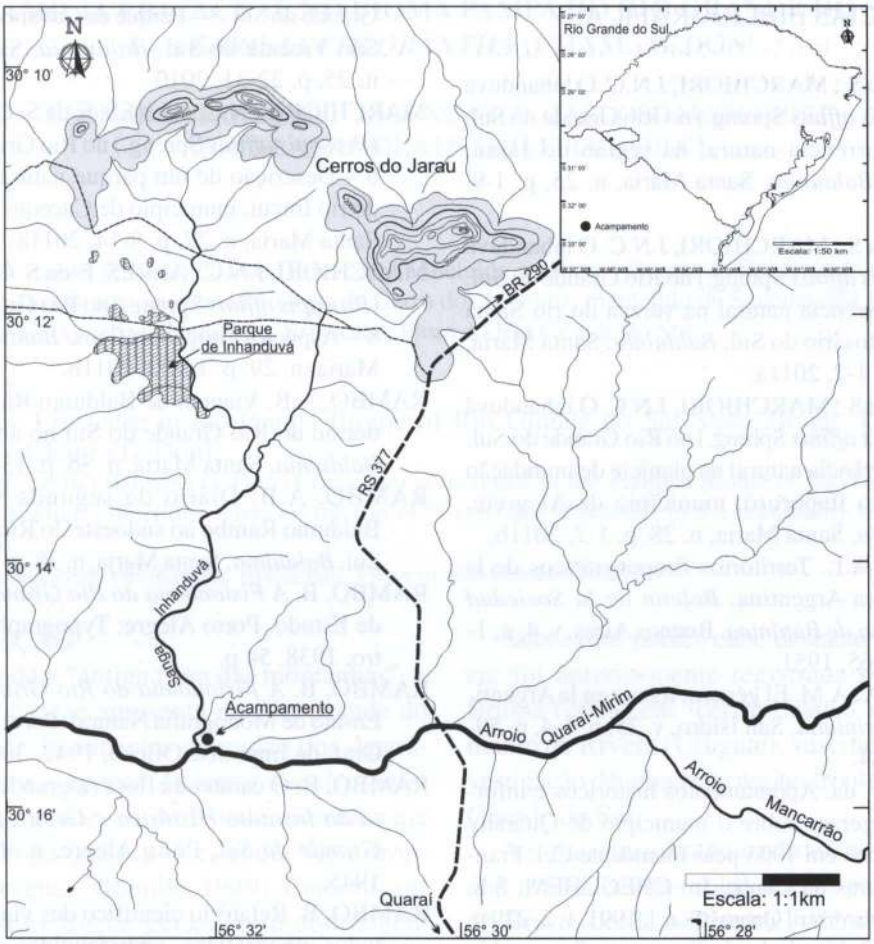


FIGURA 1 – Mapa de localização do acampamento de Balduino Rambo na região do Jarau.

por mera impossibilidade histórica: criado por Ángel Lulio Cabrera[72], este termo fitogeográfico entrou na literatura somente em 1951, nove anos, portanto, após a primeira edição de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul".

Balduíno Rambo foi, indiscutivelmente, o mais importante botânico e fitogeógrafo sul-rio-grandense do século vinte. Eventuais lapsos, em sua vasta obra, não descuram, de modo algum, o seu merecido e perene renome de cientista. A seu favor, ainda, deve-se levar em conta as severas limitações, de toda a sorte, inevitáveis no tempo em que lhe coube viver.

Autor do termo "Parque Espinilho", Balduíno Rambo não é, todavia, responsável pelo equivocado nome da unidade de conservação criada pelo governo do estado do Rio Grande do Sul no município de Barra do Quaraí, em 12 de março de 1975[73]. Se o objetivo do nome oficial foi prestar homenagem ao grande botânico, a designação oficial comprova, tão somente, uma leitura apressada da obra do mestre, feita pelos proponentes, pois resulta descabida – e injusta – a inevitável notoriedade conferida a um de seus raros equívocos.

[72] CABRERA, A.L. Territórios fitogeográficos de la Republica Argentina. *Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica*, Buenos Aires, v. 4, n. 1-2, p. 21-65, 1951.

[73] Balduíno Rambo faleceu em Porto Alegre, a 12 de setembro de 1961, quase catorze anos antes da criação do "Parque Estadual do Espinilho".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. da S.; MARCHIORI, J.N.C. O inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.) no Rio Grande do Sul. 2 – Ocorrência natural na região do Jarau, Quaraí. *Balduinia*, Santa Maria, n. 25, p. 1-9, 2010.

ALVES, F. da S.; MARCHIORI, J.N.C. O inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.) no Rio Grande do Sul. 5 – Ocorrência natural na várzea do rio Santa Maria, Rosário do Sul. *Balduinia*, Santa Maria, n. 27, p. 1-7, 2011a.

ALVES, F. da S.; MARCHIORI, J.N.C. O inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.) no Rio Grande do Sul. 7 – Ocorrência natural na planície de inundação do arroio Itapororó, município de Alegrete. *Balduinia*, Santa Maria, n. 28, p. 1-7, 2011b.

CABRERA, A.L. Territórios fitogeográficos de la Republica Argentina. *Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica*, Buenos Aires, v. 4, n. 1-2, p. 21-65, 1951.

CIALDELLA , A.M. El género *Acacia* en la Argentina. *Darwiniana*, San Isidro, v. 25, n. 1-4, p. 59-111, 1984.

CUNHA, F.F. da. Apontamentos historicos e informações geraes sobre o municipio de Quarahy compilados em 1903 pelo Intendente Cel. Francisco Flores da Cunha. In: CHEGUHEM, S.S. *Quaraí histórico*. Quaraí: [s.n.], 1991. v. 2. 229 p.

DOCCA, M.S. Vocabulos indigenas na Geographia riograndense. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 5, n. 1-2, 1925. 168 p. (separata).

GALVANI, F.R. *Vegetação e aspectos ecológicos do Parque Estadual do Espinilho, Barra do Quaraí, RS*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 132 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Botânica).

MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S. O inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.) no Rio Grande do Sul. 1 – Embasamento fitogeográfico e pendências terminológicas. *Balduinia*, Santa Maria, n. 24, p. 1-11, 2010.

MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S.; PAZ, E.A. O inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.) no Rio Grande do Sul. 3 – Parque da Cabanha do Loreto, São Vicente do Sul. *Balduinia*, Santa Maria, n. 25, p. 22-31, 2010.

MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S. O inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.) no Rio Grande do Sul. 6 – Descrição de um parque natural na várzea do rio Ibicuí, município de Cacequi. *Balduinia*, Santa Maria, n. 27, p. 8-14, 2011a.

MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S. O inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.) no Rio Grande do Sul. 8 – Aspectos fitogeográficos. *Balduinia*, Santa Maria, n. 29, p. 13-20, 2011b.

RAMBO, A.B. Viagem de Balduíno Rambo ao sudoeste do Rio Grande do Sul no ano de 1941. *Balduinia*, Santa Maria, n. 36, p. 13-29, 2012a.

RAMBO, A.B. Diário da segunda viagem de Balduíno Rambo ao sudoeste do Rio Grande do Sul. *Balduinia*, Santa Maria, n. 38, p. 1-24, 2012.

RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande*. Viagens de Estudo. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1938. 54 p.

RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Ensaio de Monografia Natural. Porto Alegre: Of. Graf. da Imprensa Oficial, 1942. 360 p.

RAMBO, B. O caráter da flora riograndense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 97, p. 8-17, 1945.

RAMBO, B. Relatório científico das viagens de estudos etnográficos, empreendidas entre 26 de dezembro de 1944 e 14 de março de 1945, pelo P. Balduino Rambo S. J., lente de Etnografia e Etnologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de Porto Alegre. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 102, p. 234-240, 1946.

RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Ensaio de Monografia Natural. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1956. 456 p.

RAMBO, B. Leguminosae Riograndenses. *Pesquisas*, São leopoldo, Botânica, n. 23, p. 1-166, 1966.

RAMBO, B. Bromeliaceae Riograndenses. *Pesquisas*, São Leopoldo, Botânica, n. 25, p. 1-27, 1967.